

## **Fenomenologia e subjetividade lírica em Michel Collot**

### ***Phenomenology and lyrical subjectivity in Michel Collot***

Antônio Carlos Mousquer

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul / Brasil  
acmousquer@yahoo.com.br

Alberto Lopes de Melo

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul / Brasil  
alberto\_lopesdemelo@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo objetiva explorar alguns conceitos acerca das relações entre poesia e filosofia que o teórico francês Michel Collot tem elaborado desde a década de 1980. Ele tem se dedicado ao estudo das relações entre poética e espaço na poesia moderna, baseando-se principalmente nas contribuições da fenomenologia, da qual toma de empréstimo o conceito husserliano de *estrutura do horizonte*, bem como na ontologia estabelecida por Merleau-Ponty. Este artigo também expõe uma leitura do poema “Um novo Jó”, de Manoel de Barros, enquanto um exemplo do modo como a poesia contemporânea por vezes se aproxima dos postulados da fenomenologia, do “voltar às coisas mesmas”.

**Palavras-chave:** poesia; fenomenologia; sujeito; espaço; Michel Collot.

**Abstract:** This article aims to explore some concepts regarding the relations between poetry and philosophy that the French theorist Michel Collot has been elaborating since the 1980s. He has been dedicated to the study of the relations between poetics and space in modern poetry, based mainly on the contributions of phenomenology, from which he borrows the husserlian concept of *structures of horizon*, as well as on the ontology established by Merleau-Ponty. This paper also presents a reading of the poem “Um novo Jó”, by Manoel de Barros, as an example of how contemporary poetry sometimes approaches the postulates of phenomenology, the “returning to the things themselves”.

**Keywords:** poetry; phenomenology; subject; space; Michel Collot.

Como lembra Gerd Bornhein, “o enriquecimento da compreensão da experiência, entendida como solo primeiro do homem, constitui a condição precípua para que se evidencie o quanto a filosofia e a poesia se movem num terreno comum”.<sup>1</sup> Esta ideia da concepção de um conhecimento que nasce do sensível e nos mostra o mundo como nos parece, uma visão individual tão distante da razão objetiva e impessoal, é o ponto de convergência no qual a poesia e a filosofia se instauram e, em razão disso, se aproximam. A tradição mostra, porém, que o envolvimento com o mundo sem a lógica do pensamento foi em tempos longínquos o motivo para a expulsão dos poetas da cidade e a decretação por Platão da inutilidade da poesia. Assinala-se, porém, que à impessoalidade da razão e ao abandono de nossas afecções, Merleau-Ponty, um dos mais importantes nomes da corrente existencialista e fenomenológica do século XX, responde com “o contato ingênuo com o mundo”,<sup>2</sup> pois, para ele, “o homem está no mundo e é no mundo que ele se conhece”.<sup>3</sup>

Assim, é pela percepção que se apreende o sentido do mundo, visto que “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo”.<sup>4</sup> A busca de compreensão sobre aquilo que acontece, tanto por força do acaso quanto da vontade humana, constitui, inevitavelmente, centro de interesse, visto que, ainda segundo o pensador francês, “não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’”.<sup>5</sup> A descrição daquilo que os sentidos e a mente apreendem, ou, dito de outra forma, o retorno à experiência primeira ou às essências, *a priori* do exercício intelectual e cognitivo, não deixou de ser suscetível, como assinala Merleau-Ponty, a pensadores como Hegel, Kierkegaard, Marx, Nietzsche e Freud. Equivale-se também, conforme lembra o filósofo, à obra de Balzac, de Proust, de Valéry ou à de Cézanne, pelo empenho em compreender o mundo e em ampliar o campo das significações de tudo que experimentamos.

Influenciados pelo movimento fenomenológico iniciado por Edmund Husserl, os dissidentes da relação transcendental, como Merleau-

---

<sup>1</sup> BORNHEIN. Filosofia e poesia, p. 64.

<sup>2</sup> MERLEAU PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 1.

<sup>3</sup> MERLEAU PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 7.

<sup>4</sup> MERLEAU PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 3.

<sup>5</sup> MERLEAU PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 1.

Ponty, Heidegger e Sartre, encarregaram-se, conforme lembra Maria da Glória Bordini, “de trazer de volta ao mundo, à existência e ao corpo, esse domínio transcendental”.<sup>6</sup> Nesse envolvimento, o estudo do campo literário é assinalado como “um contributo ainda pouco reconhecido ao entendimento da literatura, em termos de um regresso à obra em si e do esclarecimento do caráter intencional de sua criação e recepção”.<sup>7</sup> É, então, a partir dos ensinamentos da fenomenologia, que o olhar sobre a produção, a constituição da linguagem e a relação da obra com o mundo interior e exterior tomam destaque. Nessa moldura, o voltar-se ao visível e ao invisível, ao sujeito e ao objeto, ao imaginário e ao real, constituem questões relevantes para a compreensão das produções linguísticas e uma alternativa à dificuldade de expressão da subjetividade do poeta no mundo moderno, a tão apregoada crise do lirismo e a despersonalização.

O alcance das formulações fenomenológicas no campo dos estudos literários se efetiva na contemporaneidade com os estudos desenvolvidos pelo professor francês Michel Collot.<sup>8</sup> Partindo da fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty e do olhar sobre a produção poética francesa mais recente, Collot desenvolve, nas últimas três décadas, uma alentada investigação teórica numa perspectiva bastante original que, ao colocar a poesia, o espaço e alteridade como temas de reflexão, não somente pensa a poesia moderna e contemporânea, como também questiona formulações cristalizadas, como a subjetividade lírica de Hegel. Combinando o sujeito localizado no tempo, no espaço e na linguagem, e pensando no fato poético enquanto relação de abertura com o mundo, Collot relativiza a dicotomia estabelecida por Hegel entre universo interior e exterior, entre a emoção e a intuição expressas pela subjetividade característica da poesia lírica e a referencialidade, a concretude do mundo real representado na poesia épica.

Distanciando-se do postulado hegeliano da subjetividade lírica e de outras distinções da história da poesia, como as de tendência

---

<sup>6</sup> BORDINI. *Fenomenologia e teoria literária*, p. 88.

<sup>7</sup> BORDINI. *Fenomenologia e teoria literária*, p. 88.

<sup>8</sup> Michel Collot é professor da Université Sorbonne Nouvelle-Paris 3, é poeta e também Diretor do Centro de Pesquisas *Écritures de la modernité*, no qual coordena seminários e colóquios sobre poesia. Dentre as temáticas estudadas por Collot, estão a poesia francesa moderna e contemporânea, a crítica e a teoria literárias e as representações da paisagem na arte.

autorreflexiva e textualista, Collot sugere outro caminho, um novo espaço teórico. Por meio da leitura fenomenológica do poema, o autor de *La Poésie moderne et la structure de l'horizon* (2005) e *La Matière-émotion* (2005) apresenta novas definições para o espaço poético ao trazer a questão da referência para o centro das discussões num momento de domínio, no cenário francês, do pensamento estruturalista. Em face do reducionismo formal, da metapoesia, da obscuridade e da autonomia do fazer poético diante da realidade, tem-se o investimento no voltar-se ao apelo do sensível e na aproximação do lirismo com a experiência:

[a] meu ver, uma das vias mais fecundas de uma tal reinterpretação da subjetividade lírica é a da fenomenologia, que não considera mais o sujeito em termos de substancia, de interioridade e de identidade, mas em sua relação constitutiva com um fora que, especialmente em sua versão existencial, o altera, colocando a acentuação em sua *ek-sistence*, em seu ser no mundo e para outro.<sup>9</sup>

Coube à linguística e à semiótica, conforme lembra Collot, o resgate da perspectiva fenomenológica na França nos anos 1980, época de vigência do ideário saussuriano e de um fechamento do texto. A inclusão do ponto de vista da visibilidade, da cognição e da percepção na aquisição de sentido, conforme se vê, respectivamente, nas teses de Fillmore e de J. Petitot, influenciou e redefiniu o campo teórico poético. Teve-se, ainda como antecedentes da poética do mundo e da palavra, Henri Maldiney, com seu livro *L'Âge d'homme*, reunião dos três componentes essenciais da experiência estética, o olhar, a palavra e o espaço;<sup>10</sup> Paul Ricœur, “que definiria, a partir de 1975, a metáfora viva enquanto uma forma de ver e não apenas de dizer”;<sup>11</sup> e J. P. Richards, que, em *Microlectures*, afirma que “toda página abre uma paisagem”.<sup>12</sup>

Nesse ambiente, momento de esforço de superação da supremacia das tendências formalistas e de “clôture du texte” no cenário literário francês, um grupo de poetas, até então próximos dessas propostas

<sup>9</sup> COLLOT. O sujeito lírico fora de si, p. 166-167.

<sup>10</sup> Tal tríade intitula importante obra do filósofo, *Regard, parole et espace*, publicada em 1973 e reeditada pela Éditions du Cerf de Paris, em 2013.

<sup>11</sup> “qui définissait dès 1975 la métaphore vive comme une façon de voir et non seulement de dire.” (COLLOT. *Paysage et poésie*, p. 262, tradução nossa).

<sup>12</sup> “toute page ouvre un paysage” (RICHARDS *apud* COLLOT. *Paysage et poésie*, p. 262, tradução nossa).

textualistas, manifesta uma tomada de posição marcada “pela necessidade de reposicionar em seu trabalho a experiência do mundo e a expressão da subjetividade”.<sup>13</sup> Essa tendência, fortemente influenciada pelas novas considerações das ciências humanas sobre o espaço e pelas formulações da fenomenologia acerca da importância da percepção no reencontro entre a realidade interior e as coisas, tem como representantes, conforme lembra Collot, os poetas Yves Bonnefoy, André du Bouchet, Philippe Jaccottet e Michel Deguy. A emergência dessas manifestações, cujos artífices “não separavam seu trabalho sobre as palavras do olhar sobre um mundo”,<sup>14</sup> revitaliza os nexos da poesia e a vida, não obstante o reconhecimento, pelo caráter transfigurador do fazer poético, do distanciamento entre a matéria poética e o substrato pessoal e individual.

Tomando como base esses princípios, a abordagem proposta por Collot se inscreve no cerne de uma interpretação orientada pela noção da *estrutura de horizonte*, representada como “uma verdadeira estrutura, que rege não apenas a percepção das coisas no espaço, mas também a consciência íntima do tempo e a relação com o outro”.<sup>15</sup> Conforme sustenta o teórico francês, as coisas do mundo se apresentam sempre na forma de um horizonte, ou seja, sob uma aparência e uma configuração que se instauram de acordo com determinado ponto de vista e que, por conseguinte, modificam-se de momento a momento conforme novas perspectivas de apreensão. Assim, implicada em todo ato perceptivo, encontra-se uma espécie de excedente composto pelas possibilidades de novas configurações possíveis de cada fração do mundo percebida, e é justamente “esse excedente que a fenomenologia nomeia *horizonte*”.<sup>16</sup>

A consideração da *estrutura de horizonte* leva à necessária interdependência entre sujeito da percepção e mundo percebido, a inextricabilidade entre *res cogitans* e *res extensa*, sobre a qual Husserl erigiu sua noção de *intencionalidade*, que conecta sujeito e objeto no fenômeno perceptivo, pois toda consciência só o é enquanto “consciência

---

<sup>13</sup> ALMEIDA. Entrevista: Michel Collot, p. 456.

<sup>14</sup> “ne séparaient pas leur travail sur le mots de la visée d’un monde”. (COLLOT. *La Poésie moderne et la structure d’horizon*, p. 6, tradução nossa).

<sup>15</sup> “une véritable structure, qui régit non seulement la perception des choses dans l’espace mais la conscience intime du temps et le rapport à autrui”. (COLLOT. *La Poésie moderne et la structure d’horizon*, p. 8, tradução nossa).

<sup>16</sup> “cet excédent que la phénoménologie nomme *horizon*”. (COLLOT. *La Poésie moderne et la structure d’horizon*, p. 15, tradução nossa).

de alguma coisa”.<sup>17</sup> Diante disso, a leitura que ressalta o contato dos poetas com as coisas coloca o texto, até então fechado em sua autonomia, em novas bases, fundamentadas na experiência do poeta e nos conteúdos que dela provém. Por conseguinte, ao assinalar um sujeito desembaraçado da natureza introspectiva e pessoal, voltado para fora de si, estabelece uma nova formulação do lirismo, pois “não é mais a expressão de uma identidade e de uma interioridade, mas a descoberta, dentro e fora de si, de uma alteridade constitutiva”.<sup>18</sup> Como afirma Collot, paradoxalmente, é “desviando-se de si que o sujeito se descobre” posto que a afetividade e a própria existência do sujeito enquanto consciência (“de alguma coisa”) é “inseparável dos objetos que afetam seu corpo”.<sup>19</sup>

Com a apropriação da *estrutura de horizonte*, afirma-se a força do apelo do sensível no fazer poético, a indistinção da palavra e da visão de mundo e, também, a certificação da ausência de autonomia da subjetividade, pois a mesma se faz, conforme sugerem Husserl e Merleau-Ponty, no contato com o que está fora de si. Em resumo, à luz da fenomenologia: uma poesia de equivalência entre o interior e o exterior em oposição ao subjetivismo romântico, ao formalismo e a lírica moderna, notadamente, quando essa, em momento de abstração, conforme interpretação de Friedrich, estabelece a clivagem do sujeito empírico e do sujeito lírico.<sup>20</sup> Sob uma perspectiva amparada em embasamentos filosóficos e estéticos recolhidos da fenomenologia e da crítica temática de Jean-Pierre Richard, Collot propõe, então, uma nova forma de pensar a relação do sujeito com o mundo. Assinalando o reconhecimento dos vínculos entre a disposição contemplativa, a emoção e a natureza, tema fundamental para a compreensão do lirismo desde o movimento romântico, assinala o reconhecimento dos nexos à obra uma relação de reciprocidade entre sujeito e objeto.

Através do reconhecimento da referência e da alteridade que se dá na expansão da subjetividade em direção àquilo que à vista se oferece, estabelece uma alternativa teórica sobre o lirismo que dá relevo à percepção e não mais à entronização do eu, como se fez no Romantismo,

---

<sup>17</sup> HUSSERL. *Meditações cartesianas*, p. 58.

<sup>18</sup> COLLOT. *Poética e filosofia da paisagem*, p. 183.

<sup>19</sup> “en se détournant de soi que le sujet se découvre”; “inséparable des objets qui affectent son corps”. (COLLOT. *La matière-émotion*, p. 49, tradução nossa).

<sup>20</sup> Cf. FRIEDRICH. *Estrutura da lírica moderna*, p. 69-71.

pois é pelo exercício dos sentidos e da mente que a subjetividade se constitui, conforme a fenomenologia já demonstrou ao conceber o sujeito da sensação não enquanto “um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; [mas como] uma potência que *conasce* em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele”.<sup>21</sup> Para Collot, o fenômeno da paisagem é que, implicado nas contingências do horizonte da percepção, instaura o “movimento pelo qual a consciência sai de si para ir ao encontro do mundo e lhe atribuir um sentido”<sup>22</sup> e, assim, o existir no mundo, fora de si, *ek-sistir*. Em outras palavras, considerando-se que assim como a vida de nosso corpo, nossas vivências afetivas e intelectuais efetivam-se apenas através das relações que mantemos com o mundo que nos é exterior, enquanto alteridade, a forma como este mundo nos é manifesto dá conta, por conseguinte, da própria constituição de nossa subjetividade.

Nesse quadro, Collot elabora o conceito de *pensamento-paisagem*, uma sistematização dos modos de configuração do mundo apreendido através da percepção visual regida pela *estrutura do horizonte*. A tendência ao conceituar-se a paisagem é a de associá-la de imediato à presença da natureza, na medida em que nossa tradição liga, conforme observa Collot, “a paisagem à ordem da representação; tratar-se-ia de uma realidade exterior, oferecida totalmente ao olhar, que a arte e a literatura teriam por missão reproduzir”.<sup>23</sup> Contudo, conforme defende o professor francês, toda *paisagem* apresenta certa configuração de elementos do mundo elencados e ordenados de acordo com a *estrutura de horizonte* em que se apresentam e com o olhar do sujeito da percepção. Portanto, envolve um ato perceptivo particular que elabora a parcela de mundo percebida em uma determinada composição. Disso depreende-se a noção de que o fenômeno da paisagem é também uma forma de pensamento – *la pensée-paysage*, proposta por Collot.

A noção de paisagem apresentada pelo teórico francês transcende, nessa medida, a mera definição de uma extensão de espaço e abarca a própria relação do sujeito com o mundo que o circunda e do qual é parte, percebido através “de um ponto de vista único [...] que corresponde apenas

---

<sup>21</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 285.

<sup>22</sup> “mouvement par lequel la conscience sort de soi pour aller à la rencontre du monde et lui donner un sens”. (COLLOT. *La matière-émotion*, p. 19, tradução nossa).

<sup>23</sup> COLLOT. Poesia, paisagem e sensação, p. 19.

a uma parte do país no qual se encontra o observador, mas que forma um conjunto imediatamente reconhecível”.<sup>24</sup> Como configuração prontamente compreensível em si, independente de qualquer formulação *a posteriori* a atribuir-lhe significação, o *pensamento-paisagem* corresponde à ordem do conhecimento *pré-objetivo* do mundo, que, de acordo com Merleau-Ponty, caracteriza a condição *encarnada* do ser, na medida em que “o corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por ‘representações’, sem subordinar-se a uma ‘função simbólica’ ou ‘objetivante’”.<sup>25</sup> Ainda que a formulação subsequente da experiência da paisagem seja possível e possa mesmo constituir um movimento natural posterior, ela constitui uma elaboração diversa desse primeiro contato perceptivo que já é pensamento em si. Um desdobramento da percepção, da consciência *primeva*, que nos forneceu o “modelo das transposições, das equivalências, das identificações que fazem do espaço um sistema objetivo e permitem à nossa experiência ser *uma experiência de objetos, abrir-se a um ‘em si’*”.<sup>26</sup>

Para Collot, essa abertura do sujeito constitui uma das marcas da poesia da modernidade e, ao partir desse pressuposto, o teórico francês reinterpreta o que foi muitas vezes reinterpreta o que foi muitas vezes compreendido enquanto incomunicabilidade da poesia, despersonalização absoluta ou desconexão com o mundo em prol de uma linguagem tão-somente performática e autocentrada. Para ele, grande parte da arte moderna apresentaria justamente o esforço para dar conta de uma dimensão originária de nossa relação com o mundo, num movimento em que mesmo a desfignação da paisagem ou a ênfase objetual dizem respeito ao empenho de expressão do que, “na experiência primeira que tivemos, escapa às convenções da figuração e da percepção”.<sup>27</sup> O “sujeito lançado”, ou o *sujeito lírico fora de si*, conforme o nomeia Collot, presta-se a suplantar o equívoco da consideração da total ausência do sujeito ou da emoção na arte, posto que a ênfase no exterior ou na paisagem não configura uma negação absoluta da subjetividade. Ainda que não haja expressamente a

---

<sup>24</sup> “d’un *point de vue* unique [...] qui ne correspond qu’à une ‘partie’ du pays où se trouve l’observateur, mais qui forme un *ensemble* immédiatement saisissable”. (COLLOT. *L’Horizon fabuleux*, p. 11, tradução nossa).

<sup>25</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 195.

<sup>26</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 197, grifo nosso.

<sup>27</sup> COLLOT. *Poesia, paisagem e sensação*, p. 21.



elocução de um “eu” enquanto pessoa primordial do discurso, o sujeito permanece sempre como uma paradoxal *praesentia in absentia*, enquanto sujeito da percepção, que por si é um ato e, como tal, pressupõe um agente. De forma homóloga, sua figuração discursiva é também um ato, no qual a existência de um eu emissor da mensagem é condição constitutiva *a priori*. Assim, a subversão da kantiana proeminência do sujeito sobre o objeto não tem como produto uma primazia inversa. Conforme Collot depreende do estudo da poesia de Francis Ponge, “tomar o partido das coisas ainda é ‘tomar seu próprio partido’”,<sup>28</sup> visto que a ênfase na linguagem ou no objeto da sensação

[...] não implica a pura e simples desapareição do sujeito em benefício de uma improvável objetividade, mas, antes, sua transformação. Através dos objetos que convoca e constrói, o sujeito não expressa mais um *foro* íntimo e anterior: ele se inventa desde fora e do futuro, no movimento de uma emoção que o faz sair de si para se reencontrar e se reunir com os outros no horizonte do poema.<sup>29</sup>

Ao descobrir pontos de contato entre a proposta fenomenológica e certa atitude poética da subjetividade moderna, Collot contribui para a renovação da teoria sobre a lírica. Ele o faz precisamente ao perceber o quanto a visão do homem enquanto ser encarnado, e o imperativo de “reencontrar os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema ‘Eu – Outro – as coisas’ no estado nascente”,<sup>30</sup> do qual trata Merleau-Ponty, constituem também um horizonte da própria configuração moderna de subjetividade lírica. Nessa, conforme afirma Collot, o sujeito “busca se escrever através dos objetos que ele descreve, ‘renunciando a se conhecer senão *se aplicando às coisas*’”.<sup>31</sup> É essa dialética então, absolutamente não hierárquica entre interior e exterior, esse convite de retorno ao mundo, às coisas mesmas, que aparece no texto que ora tomamos, a poesia de Manoel de Barros, como exemplo brasileiro portador de determinados traços percebidos por Collot nos poetas franceses modernos.

<sup>28</sup> COLLOT. O sujeito lírico fora de si, p. 171.

<sup>29</sup> COLLOT. O sujeito lírico fora de si, p. 168.

<sup>30</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 90.

<sup>31</sup> COLLOT. O sujeito lírico fora de si, p. 171, grifo nosso.

“Um novo Jó”, poema que encerra o livro *Compêndio para uso dos pássaros* (2013), do mato-grossense Manoel de Barros, tem como epígrafe um dístico interrogativo que parece ecoar a exposição teórica aqui efetuada: “Porquanto/ como conhecer as coisas senão sendo-as?”.<sup>32</sup> Essa epígrafe, extraída do livro *Invenção de Orfeu*, do poeta Jorge de Lima, postula, de certa forma, a necessidade de uma transferência do “ser” do sujeito para o “ser das coisas” como condição para o conhecimento das mesmas, uma investida na materialidade como condição de acesso ao mundo. É preciso ser também a alteridade para ter acesso a ela. É o que também os versos de Barros parecem propor. Suas quatro estrofes iniciais compõem a caracterização de um sujeito, construído pelo discurso na terceira pessoa, em contato “pele a pele” com o mundo. Esse mundo, que confunde sua carne com a carne do sujeito, é expresso no seu caráter *rés-do-chão*, feito do mineral e daquilo que brota da umidade. “O homem”, como é nomeado tal sujeito, encontra-se “Desfrutado entre bichos/ raízes, barro e água” (versos 1 e 2); e, “Dentro de sua paisagem/ – entre ele e a pedra –/ crescia um caramujo” (versos 5 e 7).<sup>33</sup> Ocorre assim, como mostra o poeta mato-grossense, uma espécie de fusão que quase torna indistintos o corpo do homem e o meio em que está inserido – as pedras, os musgos, os pequenos animais, as raízes confundem-se com seu corpo formando uma só paisagem.

A construção poética de uma paisagem que comporta homem e mundo em uma forma de simbiose revela, no poema de Barros, um sujeito que não reside mais em si mesmo, um *être hors de soi*, conforme conceito de Michel Collot, uma residência num “ponto de indistinção entre a consciência e o mundo, [no qual] não se sabe mais onde se situa o sujeito”.<sup>34</sup> No entanto, no caso de “Um novo Jó”, a “e-moção” que move o sujeito para fora de si não gera necessariamente um saldo positivo. No poema, em vez de celebração do reencontro com o mundo e com a alteridade apenas, encontra-se também o anseio de desprendimento e até de anulação. A primeira vista, o poema soa menos como *ode* do que como uma *elegia*, pois a leitura dos versos de Barros torna inevitável pensar o corpo que se encontra convertido em paisagem de rãs, musgos e caramujos como um corpo morto em si. Um corpo vivificado apenas pela vitalidade alheia, a desses pequenos seres do espaço úmido – um

<sup>32</sup> BARROS. *Compêndio para uso dos pássaros*, p. 42.

<sup>33</sup> BARROS. *Compêndio para uso dos pássaros*, p. 42.

<sup>34</sup> COLLOT. *Poética e filosofia da paisagem*, p. 29.

corpo por eles “desfrutado”, como indica o verso de abertura do poema. Essa impressão é reforçada entre os versos oito e onze, que narram que “os musgos.../ subiam até o lábio/ depois comiam toda boca/ como se fosse uma tapera”,<sup>35</sup> a conversão do ser do homem no ser das coisas, proposta pela epígrafe do poema, fez com que o homem fosse tomado pelo meio.

A partir da quinta estrofe do poema, a descrição da personagem, que marcava os versos iniciais, cede lugar a uma fala de tom prosaico, marcada pelo uso do imperfeito verbal “era” (“Bom era...”), mas com sua modalidade estendida para significar um futuro do pretérito (“Bom seria...”), na expressão de estados hipotéticos que plasmariam o desejo do sujeito que fala – um *eu* que se manifesta pronominalmente no verso 36, “Ir a terra *me* recebendo”.<sup>36</sup> A quinta estrofe expõe o desejo inicial de entrega, no sentido mais amplo do termo, o de sujeição: “sobre um pedregal frio/ e limoso dormir!/ Ao gume de uma adaga/ tudo dar”.<sup>37</sup> As três estrofes subsequentes, constroem imagens que expressam o desprendimento, através da conversão em animal ou vegetal e mesmo em água, na sexta estrofe,<sup>38</sup> ou, ainda, através de uma vivência sem obrigações, responsabilidades, destinos, e em contato com o mundo natural, como se vê nas sétima, oitava e nona estrofes:

Bom era caminhar sem dono  
na tarde  
com pássaros em torno  
e os ventos nas vestes amarelas.

Não ter nunca chegada  
nunca optar por nada  
Ir andando pequeno sob a chuva  
torto como um pé de maçãs.

Bom era entre botinas  
tronchas pousar depois...  
como um cão  
como um garfo esquecido na areia.<sup>39</sup>

<sup>35</sup> BARROS. *Compêndio para uso dos pássaros*, p. 42.

<sup>36</sup> BARROS. *Compêndio para uso dos pássaros*, p. 43, grifo nosso.

<sup>37</sup> BARROS. *Compêndio para uso dos pássaros*, p. 43

<sup>38</sup> Cf. BARROS. *Compêndio para uso dos pássaros*, p. 43.

<sup>39</sup> BARROS. *Compêndio para uso dos pássaros*, p. 43.

Se, até então, o desejo da fusão ou transferência do ser do homem para o ser das coisas do mundo dirigia-se à natureza: água, pedras, musgos e pequenos seres ou mesmo um “cão”; a partir da imagem do “garfo esquecido na areia” passa ao predomínio do anseio de ser como objetos esquecidos, sem utilidade, “desimportantes”, os “desobjetos” tão presentes na obra de Barros. O desejo que prevalece é o de estar abandonado na terra para ser por ela consumido, de decompor-se,

ser como o junco  
no chão: seco e oco.  
Cheio de areia, de formiga e sono.  
Ser como pedra na sombra (almoço de musgos)  
Ser como fruta na terra, *entregue*  
*aos objetos...*<sup>40</sup>

Retorna aí a ideia de lançar-se ao mundo, de ser as coisas, presente na epígrafe do poema. O canto XIV do mesmo intertexto, a *Invenção de Orfeu*, estabelece ainda outro diálogo com o poema de Barros, pois se encerra com uma referência a Jó em uma das cenas mais mortificantes de sua vivência épica: “e aquele enfermo Jó sobre os monturos,/ coçando com as mãos rotas cinco legras”.<sup>41</sup> A cena que se pode identificar concerne justamente ao momento em que Jó, já sem posses e com sua existência corpórea degradada, anseia pela transcendência, o que se encontra entre os versículos oito e nove do sexto capítulo do *Livro de Jó*, no qual a personagem clama: “Quem dera que se cumprisse o meu rogo, e que Deus me desse o que anelo!/ que fosse do agrado de Deus esmagar-me; que soltasse a sua mão, e me exterminasse!”. Enquanto o bíblico Jó, não compreendendo a razão dos castigos que sofre sem causa justa perceptível, anseia pela morte como transcendência para a espiritualidade, o “novo Jó”, de Manoel de Barros, parece desejar uma forma diversa de transcendência, que não consiste num lançar-se à morte como caminho para vida espiritual pressuposta na tradição judaico-cristã. O Jó de Barros parece, sim, expressar o desejo de transcender as contingências de ser humano, mas em uma transcendência capaz de lançá-lo na imanência das coisas aparentemente desimportantes, livres justamente por sua inutilidade.

<sup>40</sup> BARROS, *Compêndio para uso dos pássaros*, p. 44.

<sup>41</sup> LIMA. *Poesia completa*, p. 584.

A maneira como esse novo Jó lança-se ao mundo, de modo a evidenciar a partilha de uma mesma difusa matéria, que com ele mantém, faz pensar uma vez mais na apropriação que Michel Collot realiza do legado da fenomenologia para a reflexão da natureza da criação lírica. Notadamente, no modo como reflete acerca da noção de *encarnação* proposta por Merleau-Ponty, para tratar da absoluta interdependência entre homem e mundo expressa em parte da poesia e na arte contemporânea. Nessa, a *paisagem* é um lugar por excelência de restabelecimento da união entre corpo e cosmos.<sup>42</sup> É a perspectiva que o teórico sustenta em obra que toma justamente os elementos dessa reunião como título, *Le corps-cosmos*, publicada em 2008. Nela, Collot toma como exemplo o filme *Landscape body dwelling*, produzido pelo artista plástico norte-americano Charles Simonds em 1973, que documenta a cena constituinte de uma instalação artística por ele efetuada nos jardins da mansão Dumbarton Oaks, em Washington, nos Estados Unidos.<sup>43</sup> A cena à qual Collot se refere mostra o artista esticado ao solo, cobrindo-se de argila e areia, de modo a ele mesmo converter-se em parte da paisagem, como se estivesse em busca de uma fusão com a terra, “de uma nova aliança entre o corpo e o cosmos”.<sup>44</sup> A cena parece plasmar tanto um movimento semelhante ao do vislumbrado no poema “Um novo Jó”, de Manoel de Barros, quanto o imperativo fenomenológico de considerar o *ser* enquanto *ser-no-mundo*.

Contudo, essa proximidade entre expressão poética e proposição filosófica que se encontra nas obras de Collot e que sublinham os pontos de contato entra as propostas fenomenológicas e a poesia e arte contemporâneas, não pressupõe uma poesia de postura filosófica, que estaria a assimilar ou desenvolver conceitos. Cabe lembrar que Collot é também poeta e vale-se de sua experiência particular, de seu processo pessoal de criação poética para pensar a natureza do contato entre homem e mundo na poesia, e esse encaminhamento, que parte da emoção da poesia para o pensar filosófico, talvez seja o movimento mais apropriado para lidar com as relações entre essas duas dimensões

---

<sup>42</sup> Cf. COLLOT. *Le Corps cosmos*, p. 18-19.

<sup>43</sup> Embora em versão com baixa qualidade, é possível visualizar o filme em SIMONDS. *Landscape – Body – Dwelling*.

<sup>44</sup> “d’une nouvelle alliance entre le corps et le cosmos”. (COLLOT. *Le Corps cosmos*, p. 19, tradução nossa).

do pensamento humano. Em outras palavras, em lugar de se pensar em uma poesia filosófica, talvez seja mais pertinente observar na proposta fenomenológica uma atitude que envolve uma postura inicial de natureza inerentemente poética, um espanto com o mundo que proporciona uma visão efetiva dele. Ou, como coloca G. Bornheim com o qual abrimos este artigo, “a experiência poética instaura um modo originário de ver o mundo” e se o “poeta não se instala na origem da coisa”, ele se coloca “na origem do mundo humano que permite a integração da coisa nesse mundo humano; e por instalar-se nessa origem, a poesia pode ser transformadora do mundo”.<sup>45</sup> É assim que fenomenologia e poesia encontram-se na partilha da mesma defesa do voltar-se a um verdadeiro contato com os objetos do mundo, com a alteridade; o que constitui a via pela qual se efetiva a experiência da própria existência do homem enquanto *ser-no-mundo*.

## Referências

- ALMEIDA, Danielle Grace de. Entrevista: Michel Collot. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 454-459, jul./dez. 2014.
- BARROS, Manoel de. *Compêndio para uso dos pássaros*. São Paulo: Leya, 2013. (Biblioteca Manoel de Barros).
- BORDINI, Maria da Glória. *Fenomenologia e teoria literária*. São Paulo: EDUSP, 1990. (Criação & Crítica; 3).
- BORNHEIM, Gerd A. Filosofia e poesia. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 61-69, 1986.
- COLLOT, Michel. *L'Horizon fabuleux: XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Corti, 1988.
- COLLOT, Michel. *La Matière-émotion*. Paris: PUF, 2005.
- COLLOT, Michel. *La Poésie moderne et la structure d'horizon*. Paris: PUF, 2005.
- COLLOT, Michel. *Le Corps cosmos*. Bruxelles: La Lettre Volée, 2008.
- COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. Tradução de Alberto Pucheu. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 11, p. 165-177, 2004.

---

<sup>45</sup> BORNHEIM. Filosofia e poesia, p. 66.

COLLOT, Michel. *Paysage et poésie: du romantisme à nos jours*. Paris: Corti, 1997.

COLLOT, Michel. Poesia, paisagem e sensação. Tradução de Fernanda Coutinho. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 1, n. 34, p. 17-26, jan./jun. 2015.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Tradução de Ida Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978. (Problemas Atuais e Suas Fontes, 3).

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

LIMA, Jorge de. Invenção de Orfeu. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 505-802.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SIMONDS, Charles. *Landscape – Body – Dwelling*. 11 jan. 2008. 1 vídeo (7 min), *streaming*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LVGAXqSaVLI>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

Recebido em: 31 de julho de 2017.

Aprovado em: 1º de dezembro de 2017.